

1

Considere o anúncio jornalístico e os comentários do X (antigo Twitter) para responder à questão.



Estadão  
@Estadão

>@mahpaes: Museu da Língua Portuguesa abre café em seu rooftop.



estadão.com.br

**Museu da Língua Portuguesa abre café em seu rooftop.**  
O espaço tem vista para o relógio da Estação da Luz, do Parque da Luz e da estação Júlio Prestes.



21 de jun

Pode traduzir pra Língua Portuguesa, por favor?

2 113 2.069

Mostrar respostas

21 de jun

Sabe que estamos no Brasil e a língua portuguesa é a oficial, né?

2 3 382 16,5 mil

Mostrar respostas

21 de jun

Pode ser TERRAÇO, "LAJE", COBERTURA? Meu, tão falando com anglicismo do MUSEU DA LINGUA PORTUGUESA.

25

- O anúncio da abertura de um café no Museu da Língua Portuguesa causou muita agitação nas redes sociais. Considerando os comentários retirados do antigo Twitter, como se caracteriza a postura dos usuários em relação à reportagem e ao próprio idioma?
- Os comentários apresentados revelam o registro informal da língua. Identifique dois exemplos de registros informais e explique de que maneira colaboram para a construção de sentido do texto.

## Resolução

- A postura dos usuários da rede social é marcada por ignorar a abertura do café no Museu da Língua Portuguesa e criticar a escolha lexical do jornal. Os internautas desaprovam o uso de

“rooftop” por ser uma palavra inglesa (anglicismo) que possui equivalente em português: “terraço, laje, cobertura”.

- b) Há exemplo de registro informal no emprego de “né”, “tão”, “pra” e do vocativo “meu”. Há supressão de fonemas: “não é”, “estão” e “para”. O uso desses registros condiz com a situação de informalidade comum nas redes sociais.

Leia o texto para responder à questão.

“Tudo que nos acontece, especialmente nesta era da (Des)Informação, pode ser sintetizado pelas imagens que passam, céleres, pela internet, com destaque para as que estão nas redes sociais. Os textos vão ficando cada vez mais curtos, os vídeos, minúsculos, porém, mais numerosos e cheios de efeitos. As fotos, cada vez mais sofisticadas, mais ‘nítidas’ ou elaboradas com técnicas de inteligência artificial, fazem com que duvidemos do que vemos, o que nos torna cada vez mais incrédulos e inseguros daquilo que nos acontece. Quem não se chocou com as imagens de destruição dos prédios dos Três Poderes brasileiros por conta do ataque de vândalos no dia 8 de janeiro? E o que dizer das fotos e vídeos dos Yanomami, exibindo o descaso, o descuido, a crueldade, o genocídio em curso, como já afirmam as diversas instituições responsáveis pelos direitos humanos no Brasil e no mundo? Muitos de nós realmente ficamos sem palavras, e não porque ‘uma imagem vale mais do que mil palavras’, mas sobretudo porque ainda há quem questione se estamos vendo o que estamos vendo e, o que é mais preocupante, saindo em defesa ou contrapondo essas imagens com outras, ‘fakes’ e eivadas de teorias conspiratórias. Olhar, no mundo em que vivemos, mais do que nunca é buscar e ‘fabricar uma significação’. Nesses tempos em que reinam a desinformação e as teorias conspiratórias, ter ‘olhos de ver’ é mais um dos desafios que temos de enfrentar no nosso cotidiano, especialmente se estamos nas mídias sociais. Está cada dia mais complicado pensar sobre o que vemos.”

Januária Cristina Alves. Uma imagem é sempre muito mais do que uma imagem. 02/02/2023. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/>. Adaptado.

- a) Qual o significado no texto da expressão “olhos de ver”? Relacione o seu sentido com a sua importância em tempos de “(Des)Informação”.
- b) Mantendo o sentido do texto, escreva três palavras que podem substituir, respectivamente, “céleres”, “incrédulos” e “eivadas”.

### Resolução

- a) A expressão “olhos de ver”, no texto, significa não só a recepção de imagens, mas também a análise crítica sobre os conteúdos, a formulação de significados sobre eles e a diferenciação entre o que é verdadeiro e falso no mundo da “(Des)Informação”. Como tal mundo é caracterizado pelo excesso de informações e pelo reducionismo de conteúdos complexos, faz-se necessário esse olhar que não pode ser apenas receptor, mas reflexivo.
- b) Mantendo o sentido do texto, a palavra *céleres* pode ser substituída por “rápidas, velozes”; *incrédulos*, por “descrentes, céticos”, *eivadas*, por “repletas, cheias”.

Leia o texto para responder à questão.

“Quando falo de humanidade não estou falando só do Homo sapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluimos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho. E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade — alguns de nós fazemos parte dela.

É incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’. Isso denuncia o artifício do tipo de vida que nós criamos, porque chega uma hora que você precisa de uma máscara, de um aparelho para respirar, mas, em algum lugar, o aparelho precisa de uma usina hidrelétrica, nuclear ou de um gerador de energia qualquer.

E o gerador também pode apagar, independentemente do nosso decreto, da nossa disposição. Estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre. Não é preciso nenhum sistema bélico complexo para apagar essa tal de humanidade: se extingue com a mesma facilidade que os mosquitos de uma sala depois de aplicado um aerossol. Nós não estamos com nada: essa é a declaração da Terra.”

Ailton Krenak. A vida não é útil. 2020.

- a) Identifique o processo de formação das palavras “humanidade” e “sub-humanidade”, bem como o seu sentido no texto.
- b) Mantendo a correlação verbal, reescreva, na folha de respostas, o trecho a seguir iniciando por “Estávamos”.  
*Estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre.*

### **Resolução**

- a) “Humanidade” é formação de substantivo por derivação sufixal (radical “humano” e sufixo -idade). “Sub-humanidade” apresenta a mesma formação da palavra anterior e acréscimo do prefixo sub-, o que caracteriza formação por derivação prefixal e sufixal.

O autor considera “humanidade” todos os seres vivos, inclusive os elementos da natureza. “Sub-humanidade”, por sua vez, são aqueles excluídos do desenvolvimento social, econômico, cultural e tecnológico: os povos originários (indígenas), os povos tradicionais (quilombolas, caiçaras, ribeirinhos), assim como os animais explorados para suprir a humanidade de “roupa, comida, abrigo”.

- b) Estávamos sendo lembrados de que éramos tão vulneráveis que, se cortassem nosso ar por alguns minutos, a gente morreria.

Para que haja a correlação verbal adequada, tem-se: “estávamos” e “éramos”, no pretérito imperfeito do indicativo, expressando ações durativas; “cortassem”, no pretérito imperfeito do subjuntivo e “morreria”, no futuro do pretérito do indicativo, expressando possibilidade ou hipótese.

Considere os dois verbetes a seguir para responder à questão.

**travesti**

s.m. + s. f.

1 Pessoa que se veste com roupas do sexo oposto, geralmente, em espetáculos teatrais ou para ter satisfação psicológica.

2 *p. ext.* Homossexual que se veste de mulher; traveca, travecão, traveco.

Dicionário Michaelis, *online*.

**Travesti**

É uma identidade de gênero tipicamente latinoamericana que possui história e características sociopolíticas próprias. “Travesti” não é um termo pejorativo, é uma identidade que a comunidade ostenta com orgulho. O termo “Traveco”, por sua vez, é ofensivo e não deve ser utilizado. A travestilidade não se restringe ao binarismo de gênero, mas as travestis apresentam expressão de gênero feminina e devem ser tratadas com pronomes femininos, bem como devem ter seus nomes sociais respeitados. Portanto, não existe “o” travesti, e sim “a” travesti.

Glossário Antidiscriminatório. Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2022. *online*.

- a) Qual o tratamento dado ao termo "traveco", na segunda acepção do Dicionário *Michaelis*, e no Glossário Antidiscriminatório?

De que modo os sentidos desse termo, no Dicionário e no Glossário, se aproximam ou se afastam?

- b) Redija uma atualização do verbete “travesti” para o Dicionário *Michaelis*, incluindo sua classe e gênero gramaticais.

**Resolução**

- a) O tratamento dado ao termo “traveco” na segunda acepção do dicionário tem conotação pejorativa e é inadequado, pois, além de incluir termos ofensivos (“traveca, travecão, traveco”), caracteriza a pessoa travesti como aquela que é homossexual e utiliza roupas femininas. Já no glossário, a definição é de “identidade” cuja flexão gramatical de gênero é do feminino. A aproximação entre os sentidos do dicionário e do glossário se dá pela relação com o feminino, porém esses sentidos se afastam na definição de pessoa e de identidade, respectivamente. O dicionário atribui caracterização externa à pessoa, considera o termo substantivo feminino ou masculino, enquanto o glossário define uma característica

intrínseca ao sujeito, portanto interna, que é a identificação social e existencial feminina.

b) Travesti s.f.

1. Identidade de gênero não associada à binariedade homem/mulher, reconhecida por autoidentificação em sujeitos que nasceram biologicamente com genitália masculina.
2. Pessoa que apresenta expressão de gênero feminino por meio de vestimentas, nomes e pronomes.

Leia o texto para responder à questão.

“A Dinamarca vai devolver ao Brasil um manto tupinambá que está em Copenhague desde pelo menos 1699. A peça, considerada extremamente rara, será doada para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pelo Museu Nacional da Dinamarca. O manto é feito de penas vermelhas de guará. Artista, Glicéria Tupinambá está completando sua formação em antropologia no Museu Nacional e vem realizando um trabalho de encontro e pesquisa dos mantos e outros artefatos de seus ancestrais junto às instituições europeias. Em 2006, Glicéria estava trabalhando na composição de um novo manto tupinambá como forma de agradecimento a entidades sagradas, os Encantados, pelo processo de retomada do território indígena. Por meio de fotos, ela vinha tentando entender a técnica para fazer a trama dos mantos da mesma forma que era feita por seus antepassados. ‘Eu fui entendendo a questão do ponto, que é o ponto do jereré, que as mulheres tupinambá utilizam para fazer instrumentos de pesca. Só duas mulheres sabiam fazer esse ponto na aldeia, minha madrinha de 97 anos e minha prima de 78 anos. Mulheres detentoras de um saber que está quase extinto’, conta ela. O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está — ainda — na França. ‘Eu quero ver o avesso’, disse ela à equipe do museu parisiense, em 2018. ‘O pessoal fica muito ligado na cor da pena, mas eu queria entender a malha, a técnica, ver o avesso’. Mas não só isso. Glicéria também queria escutar o manto. ‘O manto fala comigo. A gente tem uma relação ancestral’, explica ela. ‘Sei que para quem passou a vida inteira ouvindo que objetos não falam, eu pareço uma pessoa louca. Mas eu venho de um contexto de aldeia, e a gente entende que os objetos não são simplesmente objetos, ainda mais quando se tratam de vestimentas usadas no ambiente religioso’. Glicéria conta que, na ocasião, o manto mostrou a ela três imagens: ‘Uma quando ele estava dentro do território, eu via mulheres, crianças, as penas, a feitura. Outra imagem que ele me apresenta era ele dentro de uma embarcação, as pessoas na margem. Eu podia sentir a areia nos meus pés e ver a embarcação sumindo no fio do horizonte. E, depois, eu vejo esse manto saindo da embarcação e desaparecendo por uma viela escura’.”

Isabel Seta. Raríssimo manto tupinambá que está na Dinamarca será devolvido ao Brasil; peça vai ficar no Museu Nacional. 28/06/2023.

Disponível em: <https://g1.globo.com/>.

- a) Justifique o uso de "ainda" no trecho “O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está — ainda — na França.”. Reescreva a frase, substituindo apenas a palavra "ainda", sem prejuízo do sentido.

- b) Explique o sentido do trecho “os objetos não são simplesmente objetos” no texto.

**Resolução**

- a) O advérbio “ainda” indica tempo prolongado (pelo menos três séculos) que evidencia a demora na devolução de artefatos culturais tradicionais roubados durante o processo de colonização. Substituindo esse advérbio na passagem, teríamos “O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está – até esse momento – na França”.
- b) Os mantos tupinambás são artefatos que carregam tanto um valor cultural quanto histórico, portanto a passagem “os objetos não são simplesmente objetos” evidencia o valor simbólico do retorno dos mantos à sociedade brasileira por permitir que os descendentes dos tupinambás tenham finalmente acesso a sua história e a sua ancestralidade. Esse valor religioso fica claro na “revelação” que Glicéria tem ao entrar em contato com o manto que conta para ela seu percurso desde o momento em que é levado pelos colonizadores até sua chegada à Europa.

6

Examine a charge para responder à questão.



Alberto Benett. Folha de S. Paulo. 01/08/2023.

- Qual a crítica social explorada pela charge?
- Explique a polissemia expressa pela última palavra da gradação contida na charge.

#### Resolução

- A crítica social explorada na charge é a violência policial, que, no País, é altamente letal, sem dar oportunidade à vítima de ser julgada, acusada, condenada e com direito a cumprir a pena que lhe cabe.
- A palavra “execução” é polissêmica, assume, na charge, tanto o sentido da ação de executar alguma vítima, bem como a acepção de cumprir uma tarefa.

Leia os textos para responder à questão.

I.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*.

Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício  
Desses que vivem no escuro em plena luz  
Disseram: Vai ser virtuoso no vício  
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo  
Que vende venda a vendedores reais  
Neurônios meus ganharam novo ritmo  
E mais, e mais, e mais, e mais, e mais

Caetano Veloso. *Meu Coco*, 2021.

- a) No trecho da canção, Caetano Veloso recria o célebre verso de Drummond, atualizando o seu sentido em tempos de domínio tecnológico. Comente as diferenças de significado que podem sugerir em paralelo “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida” e “Vai ser virtuoso no vício”.
- b) A cor azul aparece referida nas duas composições. Analise o efeito simbólico que o *azul* adquire em cada uma delas.

**Resolução**

- a) No “Poema de sete faces”, no verso “Vai Carlos! ser *gauche* na vida”, tem-se uma imposição “de um anjo torto / desses que vivem na sombra”. Ele ordena que Carlos seja “*gauche*”, expressão do francês que significa “esquerdo” na acepção de inadaptado, estranho, avesso. No contexto do poema, indica um indivíduo em evidente conflito com o mundo. Na letra da canção “Anjos Tronchos”

(troncho: membro cortado, mutilado, torto), de Caetano Veloso, há a ordem dos “anjos tronchos do Vale do Silício”. De acordo com o texto, eles são responsáveis pela entrega de grande quantidade de informações que chegam aos usuários da tecnologia digital através das telas. A determinação dos “anjos tronchos do Vale do Silício” não é a de afirmar a excentricidade do sujeito, como no poema de Drummond, mas sim a de produzir um conteúdo, que, de forma digital e massificada, gera alienação e padronização de pensamento. A expressão “vai ser virtuoso no vício” refere-se à insistência com que, nessa atividade alienante, os usuários da tecnologia se dedicam, transformando-a numa obsessão maligna, o que eles fazem com maestria, com muita habilidade, disso decorre o paradoxo “virtuoso no vício”.

- b) No poema de Drummond, o azul, em sentido denotativo, liga-se à cor do céu; em sentido conotativo, o que se impõe no verso, refere-se às expectativas da existência, cuja realização frustra-se. Já na letra da canção de Caetano Veloso, o azul é uma metonímia das imagens dos meios digitais do universo exibido pelas redes sociais, imposto pelos “anjos tronchos do Vale do Silício”. O fato de ser um azul mais do que azul conota que essas imagens digitais, devidas ao caráter virtual, típico do metaverso, acabam transformando-se em um simulacro que se torna viciante, fantasioso e alienante, isto é, que vai além do real. Em ambos os textos, portanto, a referência ao azul se conecta a uma forma que não é a realidade, seja por meio da expectativa impossível do eu lírico, seja por meio da manipulação e da deformação feita pelos meios digitais.

Leia os excertos para responder à questão.

I.

Quincas Borba

Os personagens de Machado de Assis eram tão medíocres que, enquanto outros loucos do mundo bancavam Napoleão o Grande, o de Machado de Assis contentava-se em ser Napoleão III.

Mario Quintana. *Caderno H*.

II.

Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. (...) Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Karl Marx. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*.

- a) A mediocridade caracteriza, em geral, o sujeito médio, incapaz de se sobrepor às circunstâncias com que se defronta diretamente. Nesse sentido, Rubião é uma personagem medíocre. Comente.
- b) Ao comparar os impérios de tio e sobrinho – Napoleão I e Napoleão III –, na França, Marx considera que os dois golpes representaram, respectivamente, uma tragédia e uma farsa. Por que se pode dizer que a loucura do vencido Rubião, vivida na história brasileira, possui aspectos sérios e risíveis? Justifique.

### Resolução

- a) **De acordo com o enunciado, um sujeito medíocre é “incapaz de se sobrepor às circunstâncias com que se defronta diretamente”. Desse modo, Rubião se caracteriza como medíocre por ser um inocente útil rodeado por falsos e interesseiros e pseudoamigos, como Cristiano Palha, Sofia, Camacho, Freitas, os quais o levam à ruína econômica, moral e psicológica, já que Rubião não foi capaz de resistir e de se impor às artimanhas de Palha, à sedução de Sofia, às armações de Camacho e às investidas de Freitas, para quem Rubião era um “arquiteto de ruínas”. Rubião nunca deixou de ser um provinciano, sem iniciativa própria, manipulado pelas circunstâncias. Ironicamente, só nos acessos de insanidade, quando se considerava Napoleão III, deixava a condição medíocre.**
- b) **É correto afirmar que a loucura de Rubião, considerado o contexto da história do Brasil, no final**

do século XIX, possui aspectos sérios e risíveis, convergentes com o final do regime monárquico. A narrativa desse romance abrange o período de 1867 a 1871, em que o poder de D. Pedro II já apresentava sinais claros de decadência, não só devidos às consequências da Guerra do Paraguai (1864-1870), como também pela oposição ao regime escravagista (a Lei do Ventre Livre foi promulgada em 1871). Além disso, o Partido Republicano, fundado em 1870, questionava o *status quo*. O poder do imperador D. Pedro II estava com os dias contados, embora comandasse o País, havendo, portanto, cada vez mais a erosão e o questionamento dessa autoridade.

O romance *Quincas Borba* reflete alegoricamente a crise da monarquia brasileira. O protagonista Pedro Alvarenga Rubião, novo rico que decai inevitavelmente, tem o mesmo prenome do imperador, Pedro. A palavra Rubião remete ao produto agrícola exportado pelo Brasil, um dos grãos de café, a rubiácea. Nota-se que no romance, a nobreza vai perdendo espaço para a especulação financeira, representada por Cristiano Palha.

Rubião, nos acessos de insanidade, considera-se imperador, Napoleão III; isso é risível, embora ele se considere como tal. Essa ambiguidade, alegoricamente, está ocorrendo com D. Pedro II, o poder dele parece sério, mas a marcha dos fatos históricos aponta para algo risível, a monarquia está para acabar.

O desfecho desse romance, entre outras passagens, sintetiza sutilmente, à maneira machadiana, a junção do sério, da tragédia, com o risível, a farsa, tanto na morte de Rubião e, como também, simbolicamente, na agonia do regime monárquico.

“Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor, ele pegou em nada”. O prenúncio da morte da monarquia e a de Rubião são coisas sérias, tratadas jocosamente no contexto desse romance.

## 9

Ao tratar do drama da personagem de Tomás Antonio Gonzaga, o narrador de *O romanceiro da Inconfidência* descreve-o do seguinte modo:

“Tanto impou de namorado!

E agora, quando se mira

vê-se um mísero coitado...

(como lá diz numa lira...)

– Se nas águas se mirasse,

veria ralo o cabelo

– Um par de esporas, somente.

E murcha e pálida, a face.

– Falta-lhe aquele desvelo

da sua pastora terna...

– Deveria socorrê-lo..

–... a quem dará glória eterna!... –

Ai, que ricos libertinos!

Tudo era Inglaterra e França,

e, em redor, versos latinos...

– lá se lhes foi a esperança!

– Mas segue com seus embargos.

(Quem porfia, sempre alcança...)

– Os argumentos são largos.

– Que tem luzes, ninguém nega,

– Mas são coisas da Fortuna,

que bem se sabe ser cega...

– Não lhe sendo a hora oportuna,

perder-se-á tudo que alega”.

a) Quais aspectos do Arcadismo aparecem nessa caracterização?

b) Em que medida o poema de Cecília Meireles contradiz esses aspectos?

### Resolução

a) Os principais aspectos árcades presentes na descrição do drama de Tomás Antônio Gonzaga são os traços de um ser que se tornou um “mísero coitado”, que constata a passagem do tempo (“*tempus fugit*”): “– Se nas águas se mirasse, / veria ralo o cabelo / – Um par de esporas, somente. / E murcha e pálida, a face”. A ansiedade pelo enlace amoroso com “a sua pastora terna”, Marília, remete à preocupação com o aproveita-

mento do tempo para fruir o amor com a musa, o que incide no tema árcade do *carpe diem*, recorrente em *Marília de Dirceu*. A palavra *lira*, no quarto verso, faz referência à forma reiterada no Arcadismo e em *Marília de Dirceu*, uma estrutura poética de origem clássica, evidenciada em “versos latinos”. Há também, nessa caracterização, a linguagem simples, a presença da mitologia clássica (“Fortuna”) e a referência à vida no campo (“pastora”), elementos do Arcadismo.

- b) A simplicidade e a expectativa de felicidade presentes na poesia árcade mudam de perspectiva no texto de Cecília Meireles. O drama se impõe. Surge a frustração amorosa e material como consequência da punição aplicada a Tomás Antônio Gonzaga: o cárcere por ter se envolvido no movimento da Conjuração Mineira e o consequente degredo para Moçambique. Em decorrência de sua detenção, o poeta deixou de impar de namorado de Marília, viu o tempo passar (e a velhice que veio com ele) e, sequer, pode contar com o desvelo de sua amada, a “pastora terna”. Há, portanto, a desconstrução desse anseio de concretização amorosa. A esperança não existe mais, a Fortuna (a Sorte) é cruel, a ilustração do século XVIII, o da razão, o dos Iluministas, e os ideais neoclássicos não lhe servem mais.

# 10

Na sua análise de *O embarque para a ilha de Citera* (cerca de 1712), de Antoine Watteau, Norbert Elias afirma que “em contraste com o jogo de luz e sombra claro-escuro enevoadado que domina todo o quadro, está a luminosidade do sol poente, a radiante claridade à direita, no fundo. Isso confere um caráter de inquietude à composição. E, em contraste com a tranquilidade do antigo jardim com as copas verde-escuras das árvores e sua doce serenidade, a surda movimentação do cortejo dos amantes torna-se ainda mais intensa à medida que aqui, nessa claridade, os contornos de algo desconhecido, que não se deixa conhecer, perfis de construções que, precisamente por reluzirem como sombras através da névoa clara e radiosa, provocam um ligeiro arrepio, como sinal de perigo”.



Lira X

Se existe um peito,  
Que isento viva  
Da chama ativa,  
Que acende Amor,  
Ah! Não habite  
Neste montado,  
Fuja apressado  
Do vil traidor.

Corra, que o ímpio  
Aqui se esconde,  
Não sei aonde,  
Mas sei que o vi.  
Traz novas setas,  
Arco robusto;  
Tremi de susto,  
Em vão fugi.  
Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortais,  
Quantos sinais  
O ímpio tem.

Oh! Como é justo  
Que todo o humano  
Um tal tirano  
Conheça bem!

No corpo ainda  
Menino existe,  
Mas quem resiste  
Ao braço seu?  
Ao negro inferno  
Levou a guerra,  
Venceu a terra,  
Venceu o céu.

Jamais se cobrem  
Seus membros belos,  
E os seus cabelos  
Que lindos são!  
Vendados olhos,  
Que tudo alcançam,  
E jamais lançam  
A seta em vão.

As suas faces  
São cor da neve,  
E a boca breve  
Só risos tem.  
Mas, ah! respira  
Negros venenos,  
Que nem ao menos  
Os olhos veem.

Aljava grande  
Dependurada,  
Sempre atacada  
De bons farpões.  
Fere com estas  
Agudas lanças  
Pombinhas mansas,  
Bravos leões.

Se a seta falta,  
Tem outra pronta,  
Que a dura ponta  
Jamais torceu.  
Ninguém resiste  
Aos golpes dela:  
Marília bela

Foi quem lha deu.

Ah! Não sustente

Dura peleja

O que deseja

Ser vencedor.

Fuja e não olhe,

Que só fugindo

De um rosto lindo

Se vence Amor.

a) Quais são as semelhanças entre a tela de Watteau e a Lira X de Tomás Antonio Gonzaga?

b) De que forma é descrito o “personagem” do poema?

### **Resolução**

a) A Lira X de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e o quadro *O embarque para a ilha de Citera*, do pintor Antoine Watteau, apresentam semelhanças no modo de expressão estética do Neoclassicismo ou Arcadismo, movimento artístico ocorrido no século XVIII. A convenção árcade é seguida com rigor em ambas as obras, cujas semelhanças se concentram na presença de: 1) *locus amoenus* (lugar ameno) e bucolismo. Cabe notar que a natureza campestre suave, retratada no quadro, está presente no poema, embora não de forma explícita, porque Cupido geralmente surge em meio à natureza; 2) figuras da mitologia greco-latina: na representação pictórica estão presentes cupidos em pleno voo, com sua figura infantil, representação clássica. No poema, Cupido (Amor), divindade que submete os sujeitos às suas vontades e designios, é descrito da mesma forma convencional, infantil, marcada pela nudez dos membros; 3) aspectos formais: harmonia, simetria, ausência de rebuscamento e busca pela simplicidade, elementos evidentes tanto no poema quanto no quadro. Enfim, ambas as obras seguem rigidamente as regras do Neoclassicismo ou Arcadismo, representadas na sua vertente rococó.

b) No poema, a personagem descrita é Cupido, o deus do amor. É ímpio, cruel, tirano e invencível. É um “vil traidor”, pois desperta os sentimentos amorosos das pessoas, mas em seguida, as faz sofrer. Embora seja um menino de cabelos louros, braços e pernas nus, esse aspecto infantil é ilusório, porque sua conduta é traiçoeira, maldosa. Ele é uma alegoria para o Amor, provém da cultura greco-latina e é retomado pelo Neoclassicismo/Arcadismo no século XVIII. Trata-se de um tema recorrente na literatura e nas artes em geral.

## Texto 1

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem.

Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*. Adaptado.

## Texto 2

Educar para o ócio significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro, um livro. Ensinar como pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa também se habituar às atividades domésticas e à produção autônoma de muitas coisas que até o momento comprávamos prontas. Ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. Inculcar a alegria. A pedagogia do ócio também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. Portanto, é preciso ensinar aos jovens não só como se virar nos meandros do trabalho, mas também pelos meandros dos vários possíveis lazeres. Significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e o voluntariado. Significa ensinar como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto a alienação derivada do trabalho. Há muito o que ensinar!

Domenico de Masi. *O ócio criativo*.

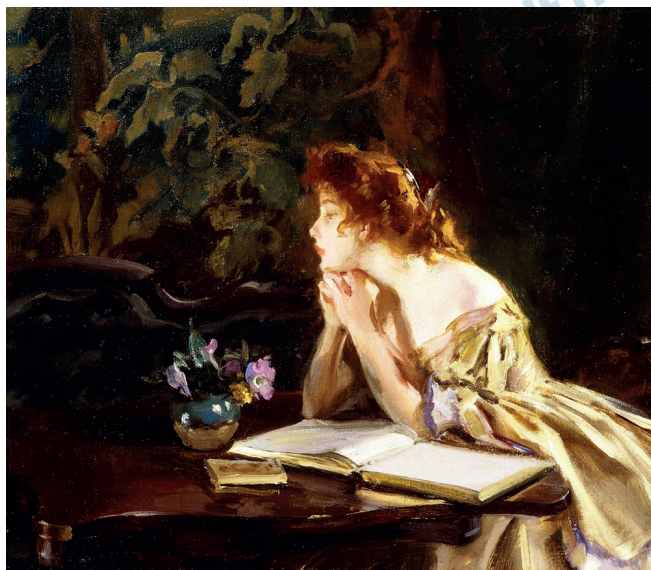
## Texto 3

Analisar as diferenças entre a educação escolar indígena e a educação escolar convencional no Brasil foi o ponto de partida do trabalho feito pelos pesquisadores Aline Abbonizio, da Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro (UFRRJ), e Elie Ghanem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). “Dois fatos me impressionaram especialmente na comunidade em que pesquisei, além do grande valor atribuído à escola como fator de fortalecimento da língua e da cultura daquele povo, a acentuada integração entre as atividades escolares e as práticas comunitárias. Não há tempos rígidos, não há horários fixos nem se seguem disciplinas escolares. As atividades da escola obedecem a um ritmo sereno e envolvem tarefas de manutenção dos costumes, incluem tanto a roça quanto o artesanato ou a coleta de produtos da mata”, relata Ghanem.

<https://www4.fe.usp.br/pesquisa-da-feusp-analisa-diferencas-entre-educacao-indigena-e-convencional>. Adaptado.

#### Texto 4



*Momentos de ócio*, 1901. Irving Ramsey Wiles.

#### Texto 5



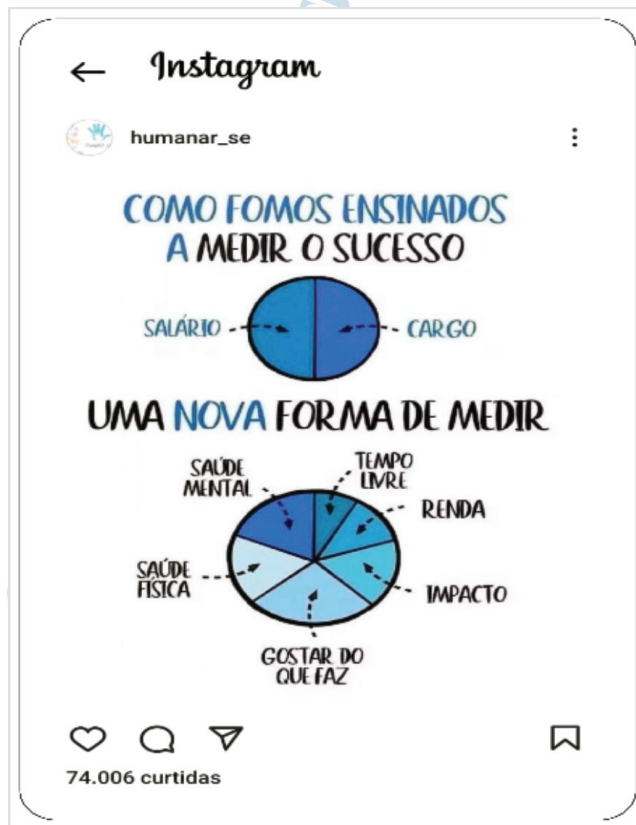
*Ciranda II*, 2018. Ivan Cruz.

Texto 6



The Banjo Lesson, 1893. Henry Ossawa Tanner.

Texto 7



Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de

vista sobre o tema: **Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão.**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível, e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação.

### **Comentário à proposta de Redação**

A Banca Examinadora propôs o tema: “Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão”. Uma vasta coletânea foi oferecida como base para a produção do candidato, que deveria levar em conta a própria condição de estudante e seu futuro profissional. No primeiro texto, o filósofo Byung-Chul Han discorria a respeito dos animais selvagens, habituados ao desempenho de múltiplas tarefas, uma vez que, enquanto comem, por exemplo, precisam estar atentos à preservação de sua integridade física, bem como à sua prole, vigiando ao mesmo tempo o parceiro. Aos olhos de Chul Han, esperar que o homem demonstrasse habilidade semelhante ao que se vê em animais em estado selvagem representaria um retrocesso, na medida em que impediria o descanso físico e mental, obtido a partir do mergulho contemplativo. No segundo texto, o filósofo Domenico De Masi fazia uma explanação acerca da pedagogia do ócio criativo, que requereria uma escolha entre repouso, distração e diversão, preparando os jovens para enxergar além do trabalho, ensinando-lhes o valor da “solidão e da companhia”, da “solidariedade e do voluntariado” – alertando-os sobre a alienação resultante tanto do tempo vago quanto do trabalho. O terceiro texto trazia os resultados de uma análise sobre práticas escolares liderada por educadores da UFRRJ e da USP junto a comunidades indígenas, visando a estabelecer as diferenças entre a educação convencional e a educação indígena. Os pesquisadores teriam ficado impressionados com o apreço pela escola evidenciado nas entrevistas com a comunidade, orgulhosa de sua cultura e de sua língua e empenhada em promover a integração entre “as atividades escolares e as práticas comunitárias”. A pesquisa contribuiu ainda para desmentir as críticas feitas a povos indígenas por não seguirem disciplinas escolares nem horários rígidos, considerados conhecimentos fundamentais à aprendizagem escolar. Dessa análise, inferiu-se que a educação convencional poderia ser adjetivada como “colonialista”, enquanto a indígena seria muito mais autônoma. O quarto texto reproduzia uma tela intitulada *Momentos de ócio*, do

pintor Irving Ramsey Wiles. Já o quinto texto reproduzia a imagem *Ciranda II*, de Ivan Cruz, retratando crianças brincando. No sexto texto, a tela de Henry Ossawa Tanner exibia uma lição de banjo, instrumento musical. O último texto apresentava duas formas de medir o sucesso: a antiga, pelo salário – avaliado como mais importante – e pelo cargo exercido; já a nova forma de medir contemplaria elementos como “saúde mental” e “gostar do que faz”, sendo mais valiosos que tempo livre, renda e impacto do trabalho.

Após refletir sobre as ideias e informações contidas nos textos verbais e não verbais da coletânea, o candidato, com base em sua própria experiência e valendo-se também de seu repertório sociocultural, poderia questionar a educação convencional, moldada por uma pedagogia capitalista, que visa ao sucesso profissional, ainda que em detrimento da saúde física e mental – podendo ocasionar *burn out* – e do tempo livre (propício ao ócio criativo).

Caberia, ainda, apontar o preconceito infundado em relação às práticas escolares dos povos indígenas, muito mais comprometidas com a liberdade de escolha, com a valorização da própria língua – sem preocupação com as línguas estrangeiras tão valorizadas na escola “colonialista” – e da cultura local, preparando os estudantes para integrar-se à comunidade, extraído dessa integração aprendizados que iriam muito além das disciplinas escolares que teoricamente preparariam para o êxito profissional. O candidato poderia, caso desejasse, propor que os povos “civilizados” abandonassem a alegada “superioridade” e se dispusessem a aprender com os nativos outras formas de aprendizado, que ampliassem seus horizontes e os libertassem da prisão colonialista representada pela educação convencional. Entre a multitarefa e a reflexão, prevaleceria, na visão da Banca, a reflexão, sempre considerando o equilíbrio e evitando maniqueísmos.

